

DESIGN Mostra exhibe objetos criados a partir de materiais industrializados que ganham outra concepção

“Alquimia” dos 90 é destaque no Itaú

“Consumo” encerra ano de mostras

free-lance para a Folha

O que fazer se seu filho ou neto afirmar, diante de um Portinari no museu, que é aquele do copo de requeijão? Ou, ao deparar-se com uma tela de Tarsila do Amaral, dizer que é aquela da lata de leite em pó? Uma reflexão sobre essas distorções da vida pós-moderna é a proposta da última exposição de 99 do Itaú Cultural.

O eixo temático do instituto durante todo o ano foi a relação entre cotidiano e arte. A duas primeiras exposições “Objeto, Anos 90” e “O Objeto, Anos 60-90” mostraram quanto o cotidiano invadiu a arte, por meio de obras de arte que incorporavam objetos do dia-a-dia.

A elas seguiu-se “A Técnica”, que mostrava como a arte in-

corporava a tecnologia. Com a mostra “O Consumo”, a idéia é evidenciar como a arte invadiu o cotidiano, sendo democratizada. “A roupa feita com estampa assinada por um artista ou o caderno que reproduz uma pintura são objetos artificiais”, afirma Ricardo Ribenboim, diretor do instituto.

Segundo ele, não se trata de um esvaziamento do estatuto da arte, mas de sua diluição.

A mostra está dividida em cinco módulos. Um deles, “Beba Mona Lisa” sintetiza o questionamento que permeou as atividades do Itaú Cultural este ano. Nela vê-se a mão dupla entre cotidiano e arte: o modo como artistas apropriaram-se de um produto de consumo, a Coca-Cola, para produzir obras de arte e a forma como a sociedade do consumo apropriou-se de uma obra de arte, a “Mona Lisa”, para produzir objetos massificados.

O módulo “Kitsch”, com curadoria de Frederico Morais, explora a mentira estética.



Obra de Tarsila do Amaral em lata de leite, na 'Paratodos'

MARA GAMA

Gerente-geral de Criação do UOL

Se fossem colocados numa cápsula do tempo, os objetos que compõem o módulo “Novos Alquimistas”, que integra a exposição “Cotidiano/Arte: O Consumo”, no Itaú Cultural, dariam a idéia de uma civilização industrial mais criativa e menos predatória aos que a abrissem no futuro.

Gostando ou não das formas finais, não há como não se entusiasmar com os móveis, luminárias, roupas, tecidos, jóias, pratos e cortinas criados a partir de materiais industrializados já expelidos do “ciclo de consumo” a que pertenciam ou retirados da função projetual e usados como material em novos produtos.

A “alquimia moderna” tritura, reprocessa, compacta ou desloca. É assim que chegam à galeria um móvel feito de lata de tinta e chapas de pacote de leite longa vida (Sandro Verdini e Júlio Sannazzaro) e mantas tecidas artesanalmente a partir de fios do reprocessamento de garrafas plásticas (Daniela Moreau), além da mesa com ralos de esgoto, contribuição

dos Campana à mostra curada por Adélia Borges.

Além desses, há a mistura de tecidos aos galhos, pedras e brocados com resultados diferentes nas obras de Renato Imbroisi, Tereza Xavier e Lino Villaventura; garrafas, pratos e coadores transformados em luminárias por Júlio Sannazzaro e por Maurício Castro, Eduardo Alves Jorge e Imanol Ossa; e ainda os papéis enrolados em canutilhos ou recortados por Nido Campolongo, os vidros coloridos triturados por Edu e Beth Prado e as luminárias surpreendentes de Valter Bahcivanji.

Latas de leite em pó, copos de requeijão estão ao lado dos painéis de azulejos da arquitetura moderna brasileira no módulo “Paratodos”. Com objetos desde os anos 30 até hoje e suportes variados, o módulo traz para a galeria a arte aplicada de mais de 30 artistas brasileiros.

Mostra: Cotidiano/Arte

Onde: Itaú Cultural (av. Paulista, 149, tel 0/xx/11/238-1832)

Quando: abertura hoje, às 20h, para convidados; até 2 de fevereiro de 2000

Quanto: entrada franca